

O PROCEDIMENTO DA GÊNESE ARTÍSTICA E DO ARQUIVAMENTO EM LOURENÇO MUTARELLI

Graziela Ramos Paes¹

Quando a crítica genética surgiu, sua investigação estava centrada no processo da criação na literatura, sobretudo com o estudo do manuscrito. Salles e Cardoso (2007) apontam que, uma vez que a crítica genética ultrapassa o campo da literatura, adentrando nas demais manifestações artísticas, ela também amplia suas ferramentas e linguagens, rompendo sua ligação intrínseca com o manuscrito. Dessa forma, ocorre a expansão de seus limites para além da palavra escrita – consequência disso é também a ampliação das formas de arquivamento. Diante dessa constatação, nos interessa observar de que modo a produção de um artista multifacetado como Lourenço Mutarelli – romancista, quadrinista, dramaturgo e ator –, se configura em meio ao procedimento da gênese e do arquivamento na atualidade, uma vez que conta com os mais diversos suportes. Para tanto, utilizaremos aqui as mídias sociais (entrevistas com autor publicadas em diversos sites, seu blog no projeto Amores Expressos, suas publicações no *Facebook*) e seus *sketchbooks*. O embasamento teórico do trabalho conta com textos de Fausto Colombo (1991), Louis Hay (2003) e Philippe Willemart (1993).

Palavras-chave: Crítica Genética. Lourenço Mutarelli. Arte contemporânea.

A necessidade do arquivamento não é nova, afinal, o ser humano sempre buscou registrar a sua história, documentar sua vivência. Fausto Colombo assinala que “gravar e arquivar o nosso passado parece-nos hoje algo de muito necessário, tão indispensável como catalogar cada momento da nossa própria experiência” (1991, p. 19). Se essa necessidade nos é cada vez mais notória, ela se deve, sem dúvida, à grande produção e consumo de informação que temos na sociedade atual.

Se durante a Era Moderna o manuscrito foi amplamente utilizado, tendo a folha de papel como principal suporte para o armazenamento de informações, na contemporaneidade somos testemunhas de uma sociedade que consome cada vez mais

¹ Graziela PAES. Universidade do Estado do Amazonas (UEA)/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). E-mail: graziepaes@gmail.com

aparelhos eletrônicos destinados a esse fim. É imperativa a apreensão do “agora” – a necessidade do arquivamento – que se mostra aparentemente saciada pelo uso desses dispositivos oferecidos pela indústria de *gadgets*.

Computadores, celulares, *tablets* e *e-readers* permitem que guardemos diferentes tipos de arquivo, como documentos de texto, fotografias, vídeos etc. Esses suportes são cada vez mais dinâmicos, pois agregam o uso da Internet: vídeos, imagens e textos vão parar na *web*, muitas vezes as mídias sociais² são o destino final dessas produções.

Considerando-se as novas tecnologias, é importante que pensemos em como elas influenciam o processo da criação artística, e também como elas promovem a ampliação das formas de arquivo na atualidade. Nesse sentido, os estudos da crítica genética contribuem na reflexão sobre a produção de um artista como Lourenço Mutarelli.

Quando a crítica genética surgiu, sua investigação estava centrada no processo da criação na literatura, sobretudo com o estudo do manuscrito. Cecília Almeida Salles e Daniel Ribeiro Cardoso (2007) apontam que, uma vez que a crítica genética ultrapassa o campo da literatura, adentrando nas demais manifestações artísticas, ela também amplia suas ferramentas e linguagens, rompendo sua ligação intrínseca com o manuscrito. Segundo os autores:

Se os estudos genéticos tinham como objetivo compreender o processo de constituição de uma obra literária e seu objeto de estudo eram os registros do escritor encontrados nos manuscritos, esse campo de pesquisa deveria quase que necessariamente romper a barreira da literatura e ampliar seus limites para além da palavra, pois processo e registros são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta e independentes, também, das linguagens nas quais essas pegadas se apresentam. Seria possível, portanto, conhecer alguns dos procedimentos da criação, em qualquer manifestação artística, a

² Segundo a Wikipédia, “o conceito de mídias sociais (social media) precede a Internet e as ferramentas tecnológicas - ainda que o termo não fosse utilizado. Trata-se da produção de conteúdos de forma descentralizada e sem o controle editorial de grandes grupos. Significa a produção de muitos para muitos. Mídias sociais se referem aos meios de interação entre pessoas pelos quais elas criam, compartilham, trocam e comentam conteúdos em comunidades e redes virtuais”. (MÍDIAS SOCIAIS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M%C3%ADdias_sociais&oldid=36495639>. Acesso em: 4 Jul 2014).

partir desses registros deixados pelos artistas. (SALLES & CARDOSO, 2007, p. 44)³

Sales e Cardoso (2007) parecem nos apontar que, uma vez que a crítica genética ultrapassou o campo da literatura, ela também ampliou suas ferramentas e linguagens, rompendo sua ligação intrínseca com o manuscrito, expandindo seus limites para além da palavra, especialmente da palavra escrita.

Lourenço Mutarelli – romancista, quadrinista, dramaturgo e ator de teatro e cinema –, é um exemplo de artista multifacetado. Em suas obras, há influência mútua de diversos campos artísticos.

No caso da prosa, por exemplo, vemos o quão o universo dos quadrinhos está presente: o texto traz sempre a presença dos diálogos e frases lacônicas, muito próximas das da arte sequencial. No mais, todos os romances apresentam algum tipo de arte gráfica, como é o caso dos desenhos em cada início de capítulo, presentes em *O natimorto – um musical silencioso* (2004) e *A arte de produzir efeito sem causa* (2008). Sobre essa influência, Mutarelli explica em uma entrevista para o canal *Pense Tip*⁴: “eu sempre tentei nos quadrinhos complementar... usar a imagem como um complemento. Mas no *Cheiro do ralo* [seu primeiro romance] foi quando eu tentei evocar a imagem pela palavra. E eu encontrei um ritmo de escrita e uma forma de escrever onde o texto fluiu muito rápido [...] o quadrinho me deu um poder de síntese e uma certa habilidade nos diálogos”.

Já nos quadrinhos de Mutarelli, é impossível não notar a influência da literatura e do cinema. A primeira fica evidente na poética do autor presente na confecção do texto, composto com a constante presença (seja gráfica ou textual) de outros nomes da literatura, como William Burroughs e Franz Kafka. Sobre a segunda influência, Mutarelli alega na entrevista supracitada: “meu quadrinho tem uma influência de

³ SALLES, Cecília Almeida; CARDOSO, Daniel Ribeiro. “Crítica genética em expansão”, *Ciências e cultura* v. 59, n. 1, São Paulo: SBPC, 2007: 46.

⁴ Entrevista “Quadrinhos e literatura”, concedida ao canal do Youtube *Pense Tip*, publicada em 02/06/2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KrVfHLmc8Oc> > Acesso em: 28 Set 2014.

cinema. [...] se eu pego meus primeiros roteiros de quadrinho, a descrição tem sempre a câmera, o quadro e o personagem... Meu olhar era muito o olhar de uma câmera”.

Mutarelli teve sua carreira iniciada como quadrinista, no final dos anos 80, e sua produção de álbuns se consolidou nos anos 90. Em 2002, começou a publicar romances, o primeiro deles *O cheiro do ralo*. Cinco anos mais tarde, o romance foi adaptado para o cinema com título homônimo, sob a direção de Heitor Dhalia, contando com a atuação do próprio Mutarelli no longa.

Após a publicação de *O cheiro do ralo*, Mutarelli se aventurou – e com bastante sucesso – em outros campos artísticos. Depois de declarar que escrever em prosa era mais rápido e menos trabalhoso do que produzir histórias em quadrinhos⁵, o autor passou a se dedicar mais ao gênero. Como romancista, escreveu também *O Natimorto, um musical silencioso* (2004), *Jesus Kid* (2004), *A arte de produzir efeito sem causa* (2008), *Miguel e os demônios* (2009) e *Nada me faltará* (2010). Além dos romances, Mutarelli publicou em 2007 *O teatro de sombras*, obra que reúne cinco peças de sua autoria.

Se considerarmos os estudos genéticos nas obras literárias de Mutarelli, percebemos que eles estarão guiados para além do estudo do texto em si, trafegando pelas outras formas artísticas presentes na obra, como os desenhos. Esse exemplo nos permite perceber que, de fato, na crítica genética os processos e registros são independentes da materialidade na qual a obra se manifesta, e os registros é que apontam alguns procedimentos da criação. Philippe Willemart discorre que,

o estudo da crítica genética abrange [...] o universo sem fim da criação humana, incluindo as artes, a literatura e até mesmo a mídia; [...] o objeto da crítica genética se concentra no estudo dos processos de criação que podem ser captados tanto nos rascunhos, croquis ou esboços quanto na obra exposta para o pintor, no texto publicado para o escritor, na dança executada para o dançarino ou

⁵ Em entrevista concedida ao site da revista *O Grito!*. Disponível em: <<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2008/10/06/entrevista-lourenco-mutarelli/>> Acesso em: 12 Jun 2014.

no jogo do ator para o teatro etc., sem o estudo obrigatório do que antecede as obras. (WILLIMART, 2008, p. 130)⁶

De modo análogo, Ana Cláudia Viegas nos lembra que a concepção atual dos arquivos de escritores não é composta “só de textos manuscritos que estendem a abordagem de um documento literário para além do texto publicado, mas também de correspondências, depoimentos, entrevistas, documentos particulares, objetos pessoais, material iconográfico” (VIEGAS, 2008, p. 1). São, enfim, muitas as fontes que podem iluminar os caminhos da investigação sobre o processo criativo de uma obra.

Nos dias atuais, grande parte do arquivo dos escritores está vinculado à tecnologia, a começar pelo fato de muitos deles escreverem utilizando o computador, como é o caso de Lourenço Mutarelli. O autor fala de sua experiência quando começou a usar o *Word*:

eu estava muito cansado de imagem, não tinha uma imagem limpa e tudo era imagem. Eu trabalhava muito com imagem, e então comecei a mexer no Word. Eu falo uma coisa que pensam que é brincadeira: eu não entendia nada de Word e aparecia sempre um “clipizinho” que ficava animado se mexendo e aquilo me dava muita agonia. Tentei tirar aquele “clipizinho” e ele se tornou um “einsteinzinho”, que ficava falando: “Olá, vou te ajudar!” (risos). Aquilo me dava muita aflição, tudo no computador tinha imagem e som e eu estava muito saturado disso e acabei escrevendo em cinco dias *O Cheiro do Ralo*, por causa de um surto mesmo, uma tentativa de evocar a imagem através da palavra.⁷

Se a máquina de escrever causou uma revolução no século XIX, sem dúvida o computador assim o fez no século XX, especialmente no campo literário. O uso dessa ferramenta facilita muito o processo da escrita, uma vez que, para o autor que utiliza somente folha de papel e caneta, as tentativas da escrita demandam grande quantidade

⁶ Philippe Willemart. *A crítica genética hoje*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v10n1/v10n1a10.pdf>> Acesso em: 21 Jun 2014.

⁷ Entrevista com Lourenço Mutarelli para o site *Livre Opinião*, intitulada “Foi o meu trabalho que me salvou dos meus demônios e de mim mesmo”, publicada em 10/05/2014. Disponível em: <<http://livreopinio.com/2014/05/19/lourenco-mutarelli-foi-o-meu-trabalho-que-me-salvou-dos-meus-demonios-e-de-mim-mesmo/>> Acesso em: 05 Set 2014.

de material, ademais, exigem longo tempo para organização e reescritura daquilo que foi produzido.

A escrita na contemporaneidade, graças à Internet, recebe novos contornos. Para Karl Erick Schollhammer,

As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços [criação, divulgação da obra e impacto no contato com o leitor], de maneira particular, com os *blogs*, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras (2009, p. 13)⁸.

São vários os escritores que tiveram suas primeiras experiências de divulgação de textos pela Internet, como Daniel Galera, Daniel Pelizzari e Clarah Averbuck, lançando mão do *blog* nesse intuito. Muitos outros autores também costumam utilizar as mídias sociais para compartilhar seus escritos com o público, divulgando suas participações em eventos ou mesmo expondo etapas da criação de algum material novo.

O nome de Lourenço Mutarelli está presente nas mídias sociais, seja por meio de suas entrevistas para diversos sites (como já vimos neste trabalho), sua presença no *Facebook*, sua participação no projeto Amores Expressos ou em projetos como o da Editora Pop, abrangendo seus *sketchbooks*.

Os exemplos citados se encontram presentes, de algum modo, no mundo da *web*. E o interessante é o modo como eles expõem várias pistas interessantes sobre o processo de criação das obras de Mutarelli: nas entrevistas vemos perguntas sobre o processo criativo, as quais o autor responde, de diferentes modos, em cada entrevista que dá (conta histórias, fala sobre o local em que produz, as condições ou influências de outros artistas). Isto, por si só, já é uma questão interessante para a crítica genética.

No *Facebook* Mutarelli possui um perfil, no qual compartilha vários documentos de seu arquivo pessoal, escaneando e publicando materiais antigos e novos. Entre eles

⁸ SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

estão desenhos inéditos, como o caso do encarte de seu novo livro “O Grifo de Abdera”⁹ (ainda não publicado), tiras antigas que não haviam sido divulgadas, entre elas “O Pato Camaleão”¹⁰, tiras antigas que foram publicadas em jornais e revistas, como “Ensaio sobre a bobeira”, e páginas de seus *sketchbooks*, os quais ele compartilha sempre com o título “De um velho caderno”. São, enfim, muitos trabalhos de sua autoria, que dividem espaço com documentos pessoais, como fotos de sua família ou de sua infância, e carteira de curso pré-vestibular ou de museu.

Louis Hay (2002) lembra que o autor foi posto de lado durante muito tempo pela crítica contemporânea. Segundo o crítico, isso se deve, primeiramente, devido à descrença que esse sujeito teve em frente a banalidade das explicações biográficas, e, em segundo lugar, por sua exclusão do texto, graças ao rigor teórico das análises formais. No entanto, Hay considera que o escritor aparece hoje no centro de interrogações novas, pois “ao abordar a escritura, a crítica depara inelutavelmente uma instância que é própria da escritura, situada entre o vivido e a folha em branco [...]. Ele [o escritor] o é também no seu próprio trabalho, onde os mecanismos do imaginário estão implicados do mesmo modo que os cálculos do pensamento” (HAY, 2002, p. 42).

A presença do escritor contemporâneo dentro do mundo da Internet contribuiu para a circulação e promoção do texto literário, trazendo maior evidência para a figura do escritor e ratificando que o “interesse pela formação e pesquisa de arquivos de escritores participa do ‘retorno do autor’ aos estudos literários” (VIEGAS, 2008, p. 1). Esse fato aponta para novos rumos na crítica genética, uma vez que a literatura já não se

⁹ O autor compartilhou com o público do *Facebook* um álbum de 16 fotos, com o processo de criação da ilustração final, intitulado “XXX encarte do novo livro ‘O Grifo de Abdera’, passo a passo e/ou Arte final e/ou o que faço é ilusão e/ou um pouco de minhas oficinas no SESC”, no dia 15/08/2014.

¹⁰ “Lourenço nos mostrou um trabalho que produziu para a Cybercomix, mas que não foi utilizado, no qual revela toda sua versatilidade. São histórias do Pato Camaleão, assinadas por Zigmundo Mussarela (uma “entidade” que ele “recebe por trás”), de um teor agressivo e sarcástico. Nessas pranchas, ele reproduz à perfeição os traços de várias feras das HQs, como Chester Gould (Dick Tracy), Hal Foster (Príncipe Valente), Julio Salinas (Cisco Kid), Hugo Pratt (Corto Maltese), Art Spiegelman (Maus), Charles Schulz (Snoopy), Hergé (Tintin), Alberto Breccia (Mort Cinder), e dos brasileiros Angeli, Fernando Gonzalez, Marcatti e Jô de Oliveira. Ou seja, ele desenha em estilos completamente diversos; em preto e branco e colorido; com desenhos limpos e rebuscados. Como o próprio Lourenço diz, os roteiros não devem ser levados a sério, mas o resultado final do visual das páginas é espantoso, apesar dos personagens principais de cada artista terem recebido bicos de pato!” Trecho da reportagem do site *Universo HQ*, publicada em 03/03/2001. Disponível em: <<http://www.universohq.com/entrevistas/lourenco-mutarelli-um-artista-na-acepcao-da-palavra/2/>> Acesso em: 05 Jul 2014.

encontra presa somente aos manuscritos ou a documentos de papel, e que o escritor, na contemporaneidade, cria suas obras e faz seus arquivos de diferentes modos, desvelando ao público o processo da criação.

Atualmente o processo da criação artística está em pauta no mercado cultural. Basta vermos o interesse das editoras ou de grupos em criar materiais que exponham como se dá esse tipo de processo criativo. Lourenço Mutarelli participou de dois projetos nesse sentido, o Amores Expressos e o livro *Sketchbooks, as páginas desconhecidas do processo criativo*.

O Amores Expressos teve início em 2007. Nele, 17 escritores brasileiros foram enviados a 17 países diferentes, durante um mês, a fim de que criassem uma história de amor ambientada no lugar. Cada autor tinha a possibilidade de publicar seu romance pela Companhia das Letras, no decorrer da concepção da história. O projeto demandava que cada um desses escritores alimentasse um *blog* durante sua respectiva estadia, bem como participasse de um projeto multimídia – um vídeo –, em que os autores falavam sobre suas impressões em relação à viagem, além de outras questões relacionadas às ideias para o livro e ao processo da criação literária. Vejamos o que Lourenço Mutarelli escreve em seu *blog* para o Amores Expressos:

Ontem comecei a trabalhar pra valer. Fiz uma minuciosa varredura na área em que meus pombinhos irão percorrer [...]. Encontrei a loja onde meu personagem irá trabalhar [...] consegui fazer uns primeiros registros [...]. Agora comecei a trabalhar para valer em minhas pesquisas, é a melhor parte, sempre achei. Ir construindo a estrutura em que irá se apoiar a trama (MUTARELLI, 2007)¹¹.

O material do *blog* de Mutarelli, bem como dos demais escritores é, sem dúvida, uma das fontes mais interessantes para a crítica genética. Primeiramente pela quantidade e diversidade de textos postados, em segundo lugar pela semente que se lança ali para dar origem aos romances publicados. Desse modo, os blogs transitam entre diários de viagem, exercício de escrita literária, reflexão sobre o papel do escritor nos dias de hoje

¹¹ Trecho presente na publicação do dia 10 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://blogdolourencomutarelli.blogspot.com.br/>> Acesso em: 03 Jul 2014.

e sobre a condição de ser estrangeiro. Por meio do trecho supracitado do *blog* de Mutarelli, observamos sua preocupação em pesquisar sobre o lugar em que se passará a narrativa, bem como sobre a configuração de seu personagem.

Para Philippe Willemart (1993), em vários autores, há dois momentos dialéticos na criação: o primeiro, “consiste em anotar tudo o que interessa sem critérios aparentes: observações de viagens, trechos de livros, nomes estranhos, páginas de listas telefônicas etc., que denotam uma ânsia de copiar e uma verdadeira paixão pelo significante” (WILLEMART, 1993, p. 15). O segundo, consiste em “uma preparação imediata nos rascunhos, em que aos poucos o escritor deixa a iniciativa à instância narrativa e torna-se instrumento de sua cultura e de sua escritura” (Idem).

Os Sketchbooks, as páginas desconhecidas do processo criativo, trata-se de um projeto, da editora Pop, abordando questões do processo criativo nas artes visuais, ilustrado com imagens dos cadernos de esboços de 26 artistas contemporâneos brasileiros. Foram selecionados pela sua diversidade de atuação, por isso a participação de designers, arquitetos, ilustradores, cartunistas, grafiteiros, etc.

A iniciativa partiu dos editores Cezar de Almeida e Roger Bassetto, que convidaram Lourenço Mutarelli para participar do projeto. No intuito de viabilizar a iniciativa, Mutarelli, abriu um *crowdfunding*¹², para arrecadar dinheiro direto dos leitores para a publicação da coleção de seus cadernos. De tal modo, a editora lançou em 2012 a compilação *Os Sketchbooks de Lourenço Mutarelli*, reunidos em uma caixa com 5 volumes em fac-símile, mais um sexto caderno com desenhos e textos inéditos, com apresentação de Arnaldo Antunes. Nessa apresentação, o músico escreve:

Ao mesmo tempo em que rolava isso tudo [a publicação das obras de Mutarelli], ele produzia seus cadernos, que trazem fragmentos dessas linguagens todas (HQ, prosa, teatro) misturados. [...] Corpo a corpo com

¹² No projeto da editora Pop para os cadernos de Mutarelli, foram solicitados R\$ 38 mil no site *Catarse*, na tentativa de serem arrecadados em 45 dias. Ao cabo do prazo, o projeto obteve mais de R\$ 44 mil, utilizados para cobrir custos como a fotografia dos cadernos (pois o escaneamento poderia danificar o material), e tradução (a edição é bilíngue).

a matéria (verbal, pictórica, gráfica) de sua expressão nos dá a ver aqui a gênese de seu processo criativo. (ANTUNES, 2012, p. 7)¹³

Como vemos, em se tratando da crítica genética, esse material traz vários aspectos sobre o processo criativo de várias obras de Mutarelli, sendo possível localizar os esboços que estão presentes nos romances e nas HQs já publicadas. Desse modo, é possível perceber como os elementos do universo criativo do autor – constituído de desenhos, anotações, colagens, recortes de jornal, embalagens de remédios, mapas, gráficos, selos e uma série de outros materiais – se encontram diluídos em seu estilo artístico, seja no traçado dos desenhos ou na tessitura de seu texto literário. Sob esse aspecto, “o crítico da gênese, além de extrair e de expor as riquezas encontradas, pretende tal qual um alquimista, discernir e entender o processo de criação, isto é, aproximar-se deste mistério e desvendar a montagem da narrativa e o estilo do autor” (WILLEMART, 1993, p. 19). Sem dúvida, a imensa produção de Mutarelli é uma fonte rica para esse tipo de investigação.

Por ser a crítica genética um campo ainda muito aberto, o que para nós parece ser uma característica positiva, é essencial ressaltar que este trabalho buscou apontar os diferentes rastros e pistas para a compreensão do processo da gênese literária na atualidade, dialogando com as formas de arquivo que abrigam a produção de Lourenço Mutarelli. Destacamos aqui que “assistimos [...] ao nascimento de um novo modelo de arquivo, que não é mais o conservatório do passado, mas o reflexo do presente” (HAY, 2003, p. 70). Portanto, para o geneticista atual, as mídias sociais são plataformas do presente, necessárias para a investigação, pois estão inseridas na vida e no trabalho dos autores contemporâneos.

É absolutamente normal que hoje, para se alcançar visibilidade ou conquistar um público, a arte se insira em diversos espaços, sobretudo o virtual. Se antes os passos da caminhada criativa de um artista eram apagados, voluntariamente ou não, hoje, de uma

¹³ MUTARELLI, Lourenço. *Os Sketchbooks/ de Lourenço Mutarelli*; Cezar de Almeida e Roger Basseto (editores). São Paulo: Editora Gráficos Burti, 2012.

forma ou de outra, os bastidores são abertos ao público, a gênese da obra de arte deixa rastros espalhados pelo caminho. Cabe ao investigador buscar as pistas. Sugerimos o meio pelo qual ele pode iniciar essa empreitada: navegando, sobretudo pela Internet.

Referências

COLOMBO, Fausto. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HAY, Louis. A literatura sai dos Archivos. In: SOUZA, Eneida M. de; MIRANDA, Wander Melo (Orgs.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. “O texto não existe - reflexões sobre a crítica genética”. In: ZULAR, Roberto. (Org.) *Criação em processo. Ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

VIEGAS, Ana Cláudia. *Arquivando o presente: construção e pesquisa de acervos sobre a ficção brasileira contemporânea*. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/035/ANA_VIEGAS.pdf> Acesso em: 05 Set 2014.

WILLEMART, Philippe. *Universo da criação literária. Crítica genética, crítica pós-moderna?*. São Paulo: Edusp, 1993.

_____. *A crítica genética hoje*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v10n1/v10n1a10.pdf>> Acesso em: 21 Jun 2014.